

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

11. Os *gadgets* na família

Responsável EBP: José Carlos Lapenda Figueiroa

Participantes: Anamaria Vasconcelos, Gisella Sette Lopes, Larissa Souto Maior, Marina Vasconcelos Cursino, Nelson Matheus, Patrícia Alves, Paulo Carvalho

Dos objetos como causa da fragilização dos laços familiares

A temática dos *gadgets* na família nos conduz diretamente à questão da natureza das mutações nos laços sociais, o que tem no discurso do capitalista, tal como definido por Lacan, a chave para seu esclarecimento. O que pensar, então, dos efeitos do discurso do capitalista sobre o vínculo familiar?

Lacan, num primeiro momento de seu ensino, amplia a conceituação freudiana sobre o Édipo, propondo uma construção da constituição do sujeito a partir da linguagem e seus efeitos estruturais. Nesse momento, o Nome-do-Pai é o significante dessa lei simbólica pela qual o pai opera essa interdição do incesto, estabilizando o sujeito no campo da linguagem. Paralelamente, e indo mais além do Édipo, ele acentua uma falha na transmissão do Nome-do-Pai, destacando que há algo que escapa ou não passa por esse significante. Em seu último ensino, ao mesmo tempo em que investiga a noção do Real e do gozo, Lacan propõe uma mudança no conceito de significante que passa a ser visto como produtor de gozo – anteriormente, o significante era tido como mortificador de gozo –. O Nome-do-Pai muda então de estatuto, passando a ser equivalente ao *sinthoma*, significando que há outra forma de ordenação da subjetividade fazendo a operação de localização ou de fixação de gozo.

Com a teoria dos discursos, Lacan formalizou as estruturas significantes possíveis que expressam os modos de ordenamento do vínculo social entre sujeitos: o discurso do mestre, o discurso universitário, o discurso do analista, o discurso da histeria. Os quatro discursos articulam os campos da linguagem e do gozo, o sujeito e o saber inconsciente, a

partir do discurso do mestre. Por eles se demonstra o quanto o laço social é afetado pelas mudanças nas formas de gozo advindas da cultura de uma época.

Assim, o discurso é um campo estruturado de um saber fundado sobre a linguagem, composto de significantes que integram uma rede desse saber.

O discurso do capitalista, mais precisamente o pseudodiscurso do capitalista, considerado como o eixo da estrutura significativa do mundo contemporâneo, foi apresentado por Lacan como uma forma atualizada do discurso do mestre por uma mutação que lhe conferiu o estilo capitalista:¹ uma pequena inversão entre o significante e o sujeito, combinada com uma mudança de orientação nas linhas de conexão e, ao mesmo tempo, a retirada da interdição entre o sujeito e o objeto *a*. Dessa forma, o agente do discurso, o sujeito dividido (\$), já não se dirige ao mestre, como no discurso da histórica, mas ao objeto *a*, produto da produção capitalista. Faltando a interdição, dá-se a possibilidade de complementação da falta do \$, o que leva à *forclusão* da castração.

O efeito essencial da mudança no discurso do mestre, que leva ao pseudodiscurso do capitalista, apontado por Lacan, localiza-se, portanto, numa nova articulação do saber que desembaraça o sujeito da relação da verdade como causa.

Vamos lembrar também que o significante da falta que constitui o homem como ser falante, *desejante*, vem do Outro que, como Outro barrado (referência em Lacan ao Deus da fala de Abraão, Isaac e Jacob) concede a lei em virtude da qual se deve assumir a disjunção irreduzível entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. No *Seminário 16*, Lacan aponta, dessa forma, como Deus reenvia ao sujeito essa lei que o interdita de se apropriar de si mesmo por si mesmo e em que o Eu aparece como *assujeitado*, como *assujeito*.²

A partir de Lacan, sabemos que os discursos fazem laço. Logo, o ponto a ser elaborado é como o sujeito tem se referenciado no laço social diante da nova lógica de uso e satisfação pelo consumo de objetos – *gadgets* – fabricados pelo discurso do capitalista aliado à ciência. Objetos pulsionais que operam ordinariamente como catalizadores de gozo.

Doutor Lacan, referindo-se ao discurso do capitalista, introduz o termo *gadgets* no seu ensinamento, precisamente no dia 13 de maio de 1973:

¹ Lacan, J., (1969-1970) *O seminário, Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992, pp. 160-161.

² Lacan, J., (1968-1969) *O seminário, Livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008, p. 78.

Por um lado, esse discurso engendrou todo tipo de instrumento que precisamos [...] qualificar de *gadgets*. Desde então, vocês são, infinitamente muito mais do que pensam, os sujeitos dos instrumentos que, do microscópio ao rádio-televisão, se tornam elementos da existência de vocês. Vocês não podem atualmente medir o vulto disso, mas isso não faz menos parte do que eu chamo o discurso científico, na medida em que um discurso é aquilo que determina uma forma de liame social.³

Esse enunciado se completa com o esclarecimento de Éric Laurent de que a expressão “sujeitos dos instrumentos”, usada por Lacan, refere-se ao efeito de “sujeição (assujettissement) à técnica destacado por Martin Heidegger, para quem a maior característica do objeto da técnica é tornar-se ele mesmo, à medida que o homem crê ser o seu senhor, engrenagem do dispositivo”.⁴ Ainda podemos observar que essa referência nos reporta ao discurso do capitalista como determinante para o processo de acumulação da mais-valia e do horizonte de subjetividades da época; aos *gadgets*, como instrumentos da tecnologia que *assujeitam* o homem; ao saber que se apresenta pelo discurso, pendente da inscrição de uma significação fálica.

Márcia Rosa nos lembra que o objeto, sendo função dos discursos que definem a civilização, não está fora do tempo⁵ e que, na expressão do discurso do capitalista, a fragilidade dos recursos significantes ($S_1 \rightarrow S_2$, não mais dispostos em linha horizontal nos numeradores) explica porque o sujeito fica à mercê dos objetos ($\$ \leftarrow a$): “se antes falávamos em um objeto oral, passível de deglutição, de assimilação, de consumo, essas novas apresentações do objeto podem deixar o sujeito atordoado”.⁶

Hoje, graças à incidência do mundo virtual, o saber, antes depositado nos adultos está agora disponível por um simples toque de botão, pode-se dizer que a qualquer criança, a qualquer adolescente. É como podemos recolher de uma referência de Miller sobre os *gadgets*:

A fórmula que empreguei, o saber está no bolso, faz pensar no que Lacan diz do psicótico, que tem seu objeto *a* “no bolso”, e precisamente ele não necessita passar por

³ Lacan, J., (1972-1973) *O seminário, Livro 20. Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 110.

⁴ Laurent, É., *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2016, p. 15 (tradução nossa).

⁵ Rosa, M., Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica*. Vol.22. Nº 1. Rio de Janeiro. Junho 2010, p. 167. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000100010>. Acesso em 05/07/2017.

⁶ *Ibidem*, p. 168.

uma estratégia com o desejo do Outro. Há, hoje, uma autoerótica do saber que é diferente da erótica do saber que prevalecia antigamente, porque ela passava pela relação ao Outro.⁷

Ou seja, a exclamação “o saber está no bolso” – quer seja por meio do *tablet*, do celular, do computador portátil, etc. – denuncia que por meio do objeto *gadget* é possível prescindir do laço com o Outro.

Dessa forma, em uma relação direta com os *gadgets*, os sujeitos contemporâneos são desviados de um questionamento sobre sua falta-a-ser, já que esses objetos lhes dão a ilusão de completude e de que tudo podem saber. Tamponando a falta do sujeito, tais objetos o impedem de desejar e o deixam à mercê do gozo.

Atualmente, identifica-se uma homogeneização visível nas propostas e soluções impostas como iguais para todos. Como nos diz Yves Vanderveken esse discurso enuncia uma igualdade de modos de gozar e um relativismo entre eles.⁸ Assim, a própria singularidade do sintoma é dita/tomada como universal. Essa pretensão de normatizar o gozo, ao desconsiderar a alteridade das formas de gozar, a singularidade mesma do sintoma, tem como efeito o empuxe à normatização que, por sua vez, leva à segregação que provoca rupturas violentas, radicais dos laços sociais, e acrescentamos, particularmente na família.

Num mundo em que se eliminam as distâncias e o tempo se acelera, ganham relevo as implicações da conectividade massificada, a virtualidade dos vínculos sociais. Flory Kruger refere-se especificamente às presenças virtuais obtidas através dos dispositivos que permitem a produção de imagens. Ela traz exemplos de novas formas de relação sexual através da internet, que mostram como as imagens preponderam na atualidade, a ponto de que a sexualidade mesma esteja envolvida por uma presença que chega a dispensar o efetivo encontro entre os corpos.⁹ Bassols acrescenta que esse novo espaço virtual, ao reduzir os corpos a sua imagem, leva à fragilização das formas de identificação. Nas redes sociais, diz Bassols, o avatar com que cada um se apresenta não está suportado por uma

⁷ Miller, J.-A., Em direção à adolescência. *Opção Lacaniana* N° 72. São Paulo. Março 2016, p. 24.

⁸ Vanderveken, Y., Algo inédito en el retorno de lo mismo. *Freudiana* 79. Barcelona. Janeiro-Abril 2017, p. 49 (tradução nossa).

⁹ Kruger, F., Variantes modernas de la práctica. *Freudiana* 79. Barcelona. Janeiro-Abril 2017, p. 42. Tradução nossa.

identidade consistente o bastante para estabelecer um encontro estável.¹⁰ Dessa forma, os vínculos familiares formam-se inconsistentes e fugazes.

Nesse ponto, retomamos nossa interrogação inicial sobre os efeitos da incidência do discurso do capitalista sobre o vínculo familiar.

Começamos por dizer, com Naranjo, que:

[...] nada na natureza diz nem como ser um pai, nem como ser uma mãe, nem como ser um filho - o que supõe umas dificuldades de segunda ordem, porque nada na natureza diz como ser um homem, como ser uma mulher, nem como ser um menino.¹¹

Assim é que a estrutura da família está organizada a partir de complexos simbólicos, entendido por complexo o conjunto de vínculos que se estabelecem entre seus membros.

Dessa forma, a família é uma construção linguageira e ganha sentido a sua indicação como lugar do Outro da língua e, portanto, lugar da demanda: “o que especifica o humano é que ele chama o Outro, que ele transforma em gritos os apelos”.¹²

A família, assim, é também o lugar do Outro da lei. Os complexos de familiarização se ordenam por um Nome-do-Pai, significante do Outro enquanto lugar da lei; lei da castração, da interdição do incesto, que incide sobre o desejo da mãe e que produz um resto, o objeto *a*.

As famílias que não conseguem se orientar pela função Nome-do-Pai, a que concede a lei que estabiliza o mundo simbólico e refreia o gozo, não é uma família e sim um *meeting point* (ponto de encontro), como assinala Naranjo.¹³ Dessa maneira, pela presença dos *gadgets*, os efeitos do pseudodiscurso do capitalista se mostram quando cada um se isola com o seu gozo, prescindindo do laço com o Outro.

Uma integrante do nosso grupo relata um fato de sua clínica: “trata-se de um menino de quatro anos; os pais procuraram a analista porque havia uma hipótese diagnóstica de autismo. De acordo com os pais, ele não fala, é muito agitado e parece não escutar quando

¹⁰ Bassols, M., Las mutaciones del vínculo social. *Freudiana* 79. Barcelona. Janeiro-Abril 2017, p. 59 (tradução nossa).

¹¹ Naranjo, J. A., *Razón del psicoanálisis*. Barcelona: ELP-Escuela Lacaniana de Psicoanálisis. 2006, p. 26 (tradução nossa).

¹² Miller, J.-A., Assuntos de família no inconsciente. *aSEPHallus* Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. Vol. 2. Nº 4. Maio-outubro 2007, p. 4.

Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_01.htm. Acessado em 10/07/2017.

¹³ Naranjo, J. A., *Razón del psicoanálisis, op. cit.*, p. 32.

a palavra lhe é dirigida. Certo dia ao chegar no consultório, a analista o encontra sentado no colo dos pais na sala de espera, com o celular na mão. Pergunta-lhe o que está assistindo, o pai se antecipa e diz que sem celular não tem como ele parar”. Esse é um exemplo corriqueiro de como os pais prescindem do discurso e lançam mão do *smartphone* para conter os filhos.

Temos ainda uma demonstração desses efeitos na série *13 Reasons Why*, disponível na *Netflix*, cuja história vai muito além do suicídio da garota Hannah Baker. É o que comenta o crítico Emanuel Bonfim, para quem o segredo do sucesso da série está em discorrer sobre o esvaziamento de sentidos nas relações, além de expor a profunda crise de afetos, agravada pelo consumo excessivo e precoce do álcool. Isso revela que a proximidade possibilitada pela tecnologia apenas disfarça a solidão de muitos adolescentes. Ainda mais, quando se acrescentam “problemas de aceitação no grupo, *cyberbullying*, estupro e a invisibilidade diante dos pais, a chance de tragédia cresce absurdamente”.¹⁴

Em nossa época de queda dos semblantes do pai, a questão que colocamos ao final é sobre o uso que o sujeito faz desses objetos: a presença dos *gadgets* poderia, eventualmente, ser um fator de reorganização dos laços familiares? Ou, dito de outra maneira: poderiam os *gadgets*, como função que são, como sintoma do nó fracassado, advir como formas de suplência do Nome-do-Pai pluralizado?

¹⁴ Bonfim, E., Fosse só sobre suicídio, a série não teria decolado. Revista *Cidade Nova* N° 6. Junho 2017. São Paulo, p. 49.